

Por Antonio Penteado Mendonça



O mundo atingiu a marca de cinco milhões de mortos por covid19. O país com mais óbitos é os Estados Unidos, com mais de setecentos mil, seguido de perto pelo Brasil, com mais de seiscentos mil.

Este é o dado apavorante, o Brasil tem mais de 10% do total de óbitos por covid19, mas não tem 4% da população mundial. É a prova do enorme equívoco cometido pelas autoridades federais durante boa parte da pandemia, pelo menos até o primeiro trimestre de 2021, quando a vacinação começou de fato a acontecer em números razoavelmente satisfatórios, levando, dez meses depois, a índices de imunização acima de 70% da população para os que tomaram a primeira dose e 50% para os totalmente imunizados, o que nos deixa, hoje, bem, na comparação com o mundo.

Seiscentos mil mortos é inaceitável e a conta ainda não está fechada. Apesar disso, o drama social já está gravado no nosso cotidiano, mostrando claramente o estrago que políticas públicas de saúde sem qualquer base científica podem fazer numa sociedade. E esse é apenas um dos lados da moeda. Os outros - porque nossa moeda tem mais lados - também são dramáticos.

Começam na situação de vulnerabilidade para a fome, prosseguem no desemprego altíssimo, avançam na inflação que não para de subir e se consolidam no câmbio cada vez mais desvalorizado do Real frente ao Dólar.

Os indicadores brasileiros estão na contramão do mundo. Enquanto a maioria dos países, apesar das dificuldades ainda enfrentadas, apresenta um cenário positivo, com as economias se recuperando consistentemente, o Brasil segue no rumo de um crescimento pífió em 2021 e uma provável recessão em 2022.

A pandemia ainda não acabou e vários países estão experimentando novos picos de covid19, mas, perto do que foi, as nações mais importantes já respiram aliviadas e retomam ou mesmo ultrapassam os patamares de crescimento de 2019. A consequência é a reabertura das fronteiras e a volta do turismo para as pessoas já completamente vacinadas.

Como a situação brasileira é mais complexa, a inflação não dá mostras de desaceleração, o dólar segue nas alturas, as atividades econômicas estão apresentando indicadores preocupantes e a pandemia com certeza não foi embora, não é possível se imaginar um cenário amigável para os negócios em 2022. E isso vale também para o setor de seguros.

A atividade seguradora funciona em ondas. Conhecidas por “Mercado Soft” e “Mercado Hard”, elas se alternam ciclicamente e barateiam e encarecem as apólices. Estamos entrando num momento “Hard” e isso complica o quadro. O preço dos seguros, em função da pandemia, das mudanças

climáticas, do preço do resseguro e do reajuste das taxas em função da sinistralidade deve subir de maneira geral, afetando todas as carteiras.

Como a crise e o empobrecimento da nação já estão impactando negativamente a economia, o setor de seguros não deve esperar um ano muito bom em 2022.

Fonte: O Estado de S. Paulo, em 08.11.2021